

Julian Barnes

O Ruído do Tempo

Tradução de Helena Cardoso

Para a Pat

Um que ouve
Um que lembra
E um que bebe.

Popular



ACONTECEU EM PLENA GUERRA, numa gare de estação tão lisa e poeirenta como a planície infundável que a cercava. O comboio indolente saíra há dois dias de Moscovo, rumo a leste; faltavam mais dois ou três, dependendo do carvão e do movimento de tropas. Tinha amanhecido há pouco, mas o homem – na verdade, só meio homem – já se lançava para as carruagens-cama, em cima de uma prancha com rodas de madeira. Não havia maneira de a conduzir senão empurrando com força o bordo dianteiro da geringonça; e para evitar desequilibrar-se tinha, enrolada na parte superior das calças, uma corda que passava por baixo da prancha. As mãos do homem estavam cobertas de tiras de pano enegrecido e a pele era áspera, de pedir esmola nas ruas e estações. O pai sobrevivera à guerra anterior. Abençoado pelo padre da aldeia, partira para lutar pela pátria e pelo czar. Por altura do regresso, padre e czar tinham desaparecido e a pátria não era a mesma. A mulher gritou, ao ver o que a guerra fizera ao marido. Agora havia outra guerra e o mesmo invasor voltara, só os nomes tinham mudado: os nomes dos dois lados. Mas não mudara mais nada: os rapazes eram despedaçados pelas armas e retalhados depois como calhava pelos cirurgiões. As suas próprias pernas tinham sido amputadas num hospital de campanha, entre árvores desfeitas. Era tudo por uma grande causa, como da vez anterior.

Estava-se a cagar. Os outros que discutissem o assunto; a sua única preocupação era chegar ao fim de cada dia. Transformara-se na própria técnica de sobrevivência. Abaixo de um certo ponto, era no que todos os homens se tornavam: em técnicas de sobrevivência.

Alguns passageiros tinham descido para respirar o ar cheio de pó; outros mostravam a cara nas janelas da carruagem. À medida que se aproximava, o mendigo ia berrando uma canção obscena, de caserna. Havia passageiros que lhe atiravam um ou dois copeques pelo espetáculo; outros pagavam-lhe para que se afastasse. E uns punham de propósito moedas a rolar e riam-se quando ele corria atrás delas, com os punhos a bater no cimento do cais. Isso dava origem a que outros, por pena ou por vergonha, entregassem o dinheiro mais diretamente. Ele só via dedos, moedas e mangas de casacos e os insultos não o atingiam. Ele era o que bebia.

Os dois homens que viajavam na classe com beliches estavam a uma janela, a tentar perceber onde se encontravam e de quanto tempo seria a paragem: minutos, horas, talvez todo o dia. Ninguém informara e eles também não iam perguntar. Inquirir sobre o movimento dos comboios — mesmo sendo passageiro e estando a bordo — podia levantar suspeitas de sabotagem. Os homens tinham trinta e tal anos, idade suficiente para terem aprendido essas lições. O que ouvia era um tipo magro e nervoso, com óculos. À volta do pescoço e dos pulsos usava amuletos de alho. O nome do companheiro de viagem perdeu-se na história, apesar de ele ser aquele que recordava.

A prancha com o meio homem a bordo vinha agora a chocalhar em direção a eles. Aos berros, eram-lhes lançadas notícias entusiásticas de violações numa aldeia. O cantor parou e fez sinal de querer comer. Em resposta, o homem de óculos ergueu uma garrafa de vodka. Era um gesto escusado de delicadeza. Quando é que alguma vez um mendigo recusara vodka? Daí a um minuto, os dois passageiros estavam com ele no cais.

E assim se juntaram três, o número tradicional para beber vodka. O dos óculos ainda tinha a garrafa, o companheiro tinha

três copos. Ficaram quase cheios e os dois viajantes dobraram-se pela cintura e fizeram o brinde habitual, uma saúde. Enquanto os copos tilintavam, o tipo nervoso pôs a cabeça de lado – o sol das primeiras horas da manhã espelhou-se-lhe nos óculos um instante – e murmurou um comentário; o amigo riu. Depois emborçaram a vodka numa vez. O mendigo levantou o copo a pedir mais. Deram-lhe mais uma dose, tiraram-lhe o copo e voltaram a subir para o comboio. Grato pela explosão de álcool que lhe percorreu o corpo truncado, o mendigo foi sobre rodas até ao grupo de passageiros mais próximo. Quando os dois homens já estavam novamente sentados, aquele que ouvia quase esquecera o que dissera. Mas aquele que recordava estava só no início do seu relembrar.